

“Ajuda-me na minha falta de fé!”

Mateus 17:14-20
Marcos 9:14-29
Lucas 9:37-43
Olhando de perto



Muitos de nós conseguimos nos identificar com vários personagens bíblicos que tiveram dificuldades em sua caminhada com Deus. Elias, por exemplo, enfrentou o desânimo (1 Reis 19:10). Jeremias chorou porque sentiu que seu trabalho era totalmente infrutífero (Jeremias 9:1; 13:17). E o apóstolo Pedro pode contar com a solidariedade de muitos que também falam antes de pensar (Lucas 9:33). Próximo ao topo da lista desses personagens populares poderíamos colocar o pai que disse a Jesus: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!” (Marcos 9:24). Quando esse homem pediu ao Senhor que curasse seu filho, Cristo respondeu: “Tudo é possível ao que crê” (Marcos 9:23). Foi nesse instante que o homem exclamou: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!”

Nenhum tópico é mais fundamental no cristianismo do que a fé—e nenhuma necessidade é mais crucial do que fortalecer a fé. Paulo escreveu:

Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, *de fé em fé*, como está escrito: O justo viverá por fé (Romanos 1:16, 17; grifo meu).

A NVI diz “uma justiça que *do princípio ao fim* é pela fé” (grifo meu). Uma outra possível tradução seria “a justiça de Deus começa e termina com fé”.

“Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6a). “Pela graça sois salvos, mediante a fé” (Efésios 2:8a). Trilhamos a jornada cristã “por fé e não pelo que vemos” (2 Coríntios 5:7). A fé é o escudo que nos protege do diabo (Efésios 6:16). A fé “é a vitória que vence o mundo” (1 João 5:4b). O resultado final da fé será “a salvação” de nossas almas (1 Pedro 1:9).

Enquanto estivermos refletindo na importância da fé, pode ser que também sejamos tentados a exclamar: “Nós cremos; ajuda-nos na nossa falta

de fé!” Neste sermão sobre o primeiro homem que fez esse pedido, analisaremos os fatores que enfraquecem a fé. Acima de tudo, queremos aprender a fortalecer a nossa fé.

UMA PROVA DE FÉ (MATEUS 17:14-18; MARCOS 9:14-27; LUCAS 9:37-43)

No início da história, Jesus, Pedro, Tiago e João haviam acabado de descer do monte da transfiguração, indo do topo do monte de paz para o vale do conflito. Assim é a vida, e é assim que Deus planejou. A exemplo de Pedro, também preferiríamos habitar no topo do monte com o Senhor (Mateus 17:4), mas a vida precisa ser vivida onde as pessoas—e os problemas—estão.

Quando Cristo e Seu pequeno grupo chegaram ao lugar onde deixaram os outros nove apóstolos, “viram... que os escribas discutiam com eles” (Marcos 9:14). Os escribas provavelmente estavam testando as credenciais de Jesus e a legitimidade do Seu ministério. Uma multidão curiosa observava o debate, aquele tipo de observadores mórbidos que se aglomeram ao redor de colisões de automóveis e outros desastres!¹

Um Menino Frágil

Jesus perguntou qual era o problema (Marcos 9:16). Ele sabia qual era a situação, mas quis desviar a atenção para Si aliviando Seus discípulos humi-

¹Marcos 9:15 diz que “logo toda a multidão, ao ver Jesus, tomada de surpresa, correu para ele e o saudava”. Não devemos pensar que ficaram surpresos por que alguma coisa na pessoa de Cristo revelava que Ele fora transfigurado (como ocorreu com a face resplandecente de Moisés, quando ele desceu do monte). O que aconteceu no monte da transfiguração deveria permanecer em segredo até aquele momento (Marcos 9:9). O povo pode ter ficado surpreso porque não esperava que Jesus voltasse tão rapidamente.

lhados. Um homem saiu da multidão. Caindo aos pés de Cristo, ele clamou: “Senhor, compadece-te de meu filho” (Mateus 17:15a).

O filho daquele homem—seu único filho (Lucas 9:38)—estava terrivelmente mal: o garoto não falava nem ouvia² (Marcos 9:17, 25). Estava endemoninhado (Mateus 17:18; Lucas 9:39, 42). O demônio jogava-o ao chão, onde ele ficava se contorcendo, rangendo os dentes e espumando (Marcos 9:18; Lucas 9:39). Por causa do demônio, ele se atirava ao fogo e à água (Mateus 17:15; Marcos 9:22)³.

O pai descreveu o menino usando o termo “lunático” (Mateus 17:15) por causa de uma antiga superstição de que as crises seriam causadas pela lua. Devido ao sentido moderno que a palavra adquiriu (“louco”), algumas versões substituíram o termo por “epilético”. Esses tradutores optaram por esse termo provavelmente porque muitos dos sintomas do menino remetem a ataques de epilepsia. Entendamos, porém, que os sintomas não adivinham de uma “atividade elétrica anormal no cérebro” responsável por ataques epiléticos⁴, mas decorriam da possessão demoníaca (Mateus 17:18; Marcos 9:25; Lucas 9:42⁵).

Um Professor Frustrado

O Senhor ficou incomodado com a cena diante de Seus olhos: a multidão aborrecida, os escribas agressivos, os discípulos confusos e o pai desorientado. Temos aqui um raro vislumbre da humanidade de Jesus quando Ele exclamou: “Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até

quando vos sofrerei?”⁶ (Mateus 17:17a)⁷. Quando ouvimos Jesus questionar: “Até quando estarei convosco?”, partilhamos do peso imposto à Sua carne e do Seu anseio por voltar ao Pai. Quando O ouvimos perguntar: “Até quando terei que suportá-los?” (NVI), sentimos Sua frustração ao tentar comunicar-Se com seres humanos presos à carne e cegos pelo preconceito.

Alguns identificam “a geração incrédula e perversa” com um segmento do grupo com quem Cristo falava. Não vemos razão para excluir qualquer um dos presentes: os escribas não tinham fé, a multidão tinha uma fé ambivalente, os discípulos tinham uma fé vacilante e o pai, uma fé abalada⁸. Todos eram exemplos típicos de uma “geração incrédula” e da geração na qual vivemos hoje.

Jesus respondeu ao apelo do pai, não “segundo a pobreza da... fé humana, mas segundo a riqueza da Sua graça”⁹ (veja Efésios 1:7). Ele disse ao pai do garoto: “Traz o teu filho” (Lucas 9:41b; veja também Mateus 17:17b; Marcos 9:19b).

Um Pai Vacilante

Enquanto levavam o menino até Jesus, o demônio fez o garoto entrar em convulsão. O jovem, “caindo... por terra, revolvendo-se espumando” (Marcos 9:20). O Senhor perguntou ao pai qual era o estado do menino (Marcos 9:21)—não porque Ele precisasse saber, mas porque o pai precisava entender sua desesperança sem Cristo. A resposta do pai terminou com estas palavras: “Mas, se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós¹⁰ e ajuda-nos” (Marcos 9:22b).

É razoável imaginarmos os olhos de Jesus fazendo enquanto Ele ecoava as palavras do homem: “Se podes!” (Marcos 9:23a). O pai obviamente havia se aproximado de Jesus com fé, esperando que o Senhor curasse seu filho. Todavia, o fracasso dos discípulos, seguido pelo ataque dos escribas, desva-

²O menino podia gritar (Lucas 9:39), mas não articulava palavras. Há algum indício de que ele talvez sofresse de males físicos além da possessão demoníaca: o texto usa as palavras “curado” e “curou” (Mateus 17:18; Lucas 9:42), normalmente usadas nos relatos do evangelho para curas físicas, e não para expulsão de demônios.

³Na maioria das casas se fazia uma pequena fogueira no chão e muitos ribeiros não tinham pontes. Era simples para o demônio fazer o menino cair sobre fogo e água. O pai disse que a intenção do demônio era destruir seu filho (Marcos 9:22); o mais provável é que o propósito daquele espírito maligno fosse torturar o menino. Os demônios aparentemente precisavam de um hospedeiro vivo para nele habitar. (Veja os comentários sobre Mateus 8:31, Marcos 5:12 e Lucas 8:32 nas páginas 18 e 23 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.)

⁴Charles B. Clayman, ed. médico, *The American Medical Association Home Medical Encyclopedia*, vol. 1, v.v. “Epilepsy” (“Epilepsia”).

⁵Uma multidão supersticiosa pode ter entendido mal a natureza exata da aflição do menino, mas homens inspirados disseram que o garoto estava possesso de um espírito imundo. Isto põe fim à questão para todos que acreditam na inspiração.

⁶É fácil nos solidarizarmos com o Senhor. Se você jamais disse isso, deve ter ao menos pensado: “Até quando terei de agüentá-los?” (NTLH).

⁷Muitos comentaristas percebem declarações semelhantes no Antigo Testamento (veja Números 14:27; Deuteronômio 32:5, 20; Salmos 95:10).

⁸O único presente que cria em Cristo sem questionar era o demônio... mas ainda não vamos falar dele.

⁹R. Alan Cole, *The Gospel According to Mark* (“O Evangelho Segundo Marcos”), ed. rev., Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., p. 216.

¹⁰Observemos a palavra “nós”. Qualquer pai com um filho doente sabe que a doença afeta mais pessoas além da criança; afeta toda a família.

neceu-lhe a fé. Seu pedido estava agora manchado de dúvida: “Se podes...”

Jesus lhe respondeu: “Tudo é possível ao que crê” (Marcos 9:23b). Cabem aqui duas observações sobre esta poderosa declaração. De um lado, a maioria entende que esta declaração demanda alguma qualificação. Seria ridículo afirmar que os homens de fé possuem poderes ilimitados, incondicionais. Por outro lado, não devemos minimizar o que um homem de fé é capaz de realizar. William Barclay escreveu: “Aproximar-se de qualquer coisa num espírito de desesperança é tornar essa coisa sem esperança; aproximar-se de qualquer coisa num espírito de fé é tornar essa coisa uma possibilidade”¹¹. Ele sugeriu a necessidade de termos “um senso do possível”¹².

Após Cristo dizer: “Tudo é possível ao que crê”, “imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!” (Marcos 9:23b, 24). Há uma súplica ardente implícita nessas palavras: “É verdade que a minha fé não é o que deveria ser, mas não penalize meu filho por isso. Por favor, ajude-o!”

Uma Demonstração de Fé Inspiradora

Jesus virou-Se para o menino e “repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo¹³, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais¹⁴ tornes a ele” (Marcos 9:25). O demônio não saiu calmamente. Ele clamou e agitou muito o menino deixando-o “como se estivesse morto” (v. 26a). R. Alan Cole chamou essa demonstração de “a raiva impotente de [um] inimigo derrotado”¹⁵. Por fim, o demônio “saiu” com relutância (v. 26b).

O menino, maltratado e exausto, ficou deitado no chão inerte. Ele parecia “morto, a ponto de muitos dizerem: Morreu” (v. 26c). “Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou” (v. 27). A seguir, ocorreu o comovente momento em que Cris-

¹¹William Barclay, *The Gospel of Mark* (“O Evangelho de Marcos”), ed. rev. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 218. Ao comentar o poder da fé, tenha cuidado para não enfatizar a fé mais do que o objeto da fé. Alguns dos livros mais vendidos no passado concentravam-se mais na fé do indivíduo do que no poder de Deus.

¹²Ibid. Barclay citou o líder político italiano Camillo Benso di Cavour (1810–61), o qual dizia que chefes de estado precisavam ter esse senso.

¹³Marcos 9:25a diz que Jesus fez isto “vendo que a multidão concorria”. Isto pode indicar que Jesus teria chamado de lado o pai e o menino para evitar qualquer publicidade inconveniente. Alguns pensam o contrário: que Cristo fez o milagre para instilar fé na multidão ao redor.

¹⁴A ordem “nunca mais tornes a ele” deve ter sido um conforto para o pai: a tragédia não se repetiria.

¹⁵Cole, p. 216.

to “o entregou a seu pai”¹⁶ (Lucas 9:42). Os homens haviam fracassado, mas Jesus não. Burton Coffman comentou o seguinte sobre esse momento:

Aqui está uma profecia que vale para todos os tempos e pela eternidade. Gerações podem se levantar e rejeitar o Senhor; incrédulos podem permanecer inflexíveis e arrogantes; e até os discípulos do Senhor podem se ver impotentes para lidar com problemas da vida, por negligenciarem eles próprios coisas espirituais; todavia, Cristo e Sua santa fé sempre serão bem-sucedidos. “As portas do inferno” jamais prevalecerão...¹⁷

Mais uma vez Cristo glorificou o Pai: todos “ficaram maravilhados ante a majestade de Deus” (Lucas 9:43).

O PODER DA FÉ

(MATEUS 17:19–21; MARCOS 9:28, 29)

Quando Jesus e Seus discípulos estavam a sós, estes Lhe perguntaram: “Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo [o demônio]?” (Mateus 17:19; veja Marcos 9:28)¹⁸. Deviam estar sinceramente confusos. Cristo dera a cada um “autoridade sobre espíritos imundos para os expelir” e instruíra todos especificamente a “expelir demônios” (Mateus 10:1, 8; veja Marcos 6:7). Haviam feito isso; Marcos registrou que “expeliam muitos demônios” (Marcos 6:13a). Por isso, quando aquele pai desesperado surgiu, não esperavam encontrar dificuldades. Podemos imaginar os discípulos dizendo confiadamente: “Jesus não está aqui neste momento, mas não se preocupe; cuidaremos de tudo! Traga o seu filho até nós!” Também podemos visualizar os apóstolos tentando uma, duas, várias vezes expelir o demônio sem sucesso.

Falta de Fé

Jesus explicou por que os esforços dos discípulos mostraram-se ineficazes: “Por causa da pequenez da vossa fé”¹⁹ (Mateus 17:20a). Os apóstolos possuíam um pouco de fé, ou não teriam tentado curar o menino; mas de alguma forma faltava-lhes a fé. O Senhor continuou: “Pois em verdade vos digo

¹⁶Compare este versículo com Lucas 7:15.

¹⁷James Burton Coffman, *Commentary on Luke* (“Comentário sobre Lucas”). Abilene, Tex.: ACU Press, 1975, p. 186.

¹⁸Marcos 9:28 diz: “Quando entrou em casa”. Isto levou alguns a concluir que Jesus e Seus discípulos estavam de volta a Cafarnaum (veja Marcos 2:1). Obviamente, poderia ser uma casa em qualquer outro lugar.

¹⁹A ERC diz semelhantemente: “Por causa da vossa pequena fé”. Jesus repreendia os discípulos com frequência por causa da “pequena fé” deles (veja Mateus 6:30; 8:26; 14:31; 16:8).

que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte²⁰: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível”²¹ (Mateus 17:20b²²).

A ilustração do monte usada por Cristo já fascinou e confundiu muitos. Ele tornaria a usar essa mesma ilustração para reforçar a importância de orar com fé (Mateus 21:21, 22; Marcos 11:22–24)²³. Alguém contou a história de uma mulher de idade que tinha de subir um morro para pegar água num poço. Depois de ler essas passagens, ela orou: “Ó Deus, eu creio! Retire, por favor, esse morro!” Quando olhou para o alto após orar, ela exclamou: “Como eu esperava! Ele ainda está lá!” Reiterando o óbvio, a oração daquela mulher dificilmente pode ser considerada uma oração de fé.

No mínimo, estaríamos cometendo uma injustiça com essa passagem, se pensássemos em termos físicos e geológicos. Nada indica que Jesus e Seus discípulos tenham alguma vez tentado remover uma montanha física. Haveria pouco proveito em incluir tal milagre na agenda espiritual do Senhor.

As montanhas eram comumente usadas como figuras de discurso nos dias de Cristo. Uma montanha era o maior objeto conhecido pelas pessoas. Nós utilizamos um simbolismo semelhante quando dizemos que temos “um monte de trabalho” para fazer²⁴.

Entre os judeus, “remover um monte” era uma expressão conhecida que equivalia a superar obstáculos (veja Isaías 40:4; 49:11; 54:10). Os rabinos usavam a expressão para se referir a remoção de barreiras que pareciam intransponíveis²⁵. É bastante possível que seja esse o sentido da expressão em Mateus 17. Observemos o seguinte: livrar-se de montanhas de terra e pedra é fácil comparado a administrar certas “montanhas” que a vida coloca em nosso caminho. Dê-me o equipamento próprio para

²⁰Jesus havia acabado de descer do monte da transfiguração. Provavelmente, Ele apontava para esse monte enquanto dizia: “este monte”.

²¹Veja os comentários sobre as palavras “nada vos será impossível”, numa promessa semelhante em Marcos 9:23, comentada anteriormente neste sermão.

²²A ERC insere o versículo 21 sem colchetes, mas ele não se encontra na maioria dos manuscritos mais antigos: “Mas esta casta [de demônios] não se expulsa senão pela oração e pelo jejum”. Comentaremos este trecho quando estudarmos Marcos 9:29 mais adiante neste sermão.

²³Paulo também usou uma figura de discurso semelhante em 1 Coríntios 13:2.

²⁴As donas de casa podem se identificar com as expressões “montanhas de louças na pia” ou “montanha de roupas para passar”.

²⁵Consulte mais sobre essa expressão em comentários bíblicos diversos sobre o Evangelho de Mateus.

cavar terra, um pessoal para usar esse equipamento e nenhum prazo predeterminado e poderei remover praticamente qualquer monte físico. Todavia, não posso ter essa mesma autoconfiança em relação às inúmeras montanhas de dificuldade que povoam a paisagem da humanidade.

Os apóstolos enfrentariam montes assustadores de dor e perseguição (veja Mateus 5:11; Atos 8:1, 3). Eles não precisavam certificar-se de que seriam capazes de livrar-se dos grandes rochedos plantados sobre a terra; mas precisavam de fato saber que, com a ajuda do Senhor, seriam capazes de vencer os montes levantados por Satanás e por homens com o propósito de desanimá-los.

Cristo estava garantindo a Seus seguidores que eles seriam capazes de vencer qualquer dificuldade se—se tivessem a fé do tamanho de um grão de mostarda. A semente de mostarda, uma das menores, foi usada várias vezes por Jesus como um símbolo de algo demasiadamente pequeno (Mateus 13:31; Lucas 13:19; 17:5, 6). O contraste exposto em Mateus 17:20 era entre uma das menores coisas conhecidas pelos ouvintes de Jesus (uma semente de mostarda) e uma das maiores coisas (um monte). Com isto o Senhor enfatizou o notável poder da fé.

Entretanto, Cristo não tinha só o tamanho em mente quando usou a semente de mostarda como ilustração. No original grego, assim como na ERA, de fato nem aparece a palavra “tamanho”; mas apenas a expressão “fé como um grão de mostarda”. A semente de mostarda possui várias qualidades relacionadas à fé que devemos ambicionar. Por exemplo:

- A semente de mostarda é pequena, mas é real.
- A semente de mostarda é pequena, mas é viva, assim como nossa fé deve ser viva (veja Tiago 2:26).
- A semente de mostarda é pequena, mas tem grande potencial (veja Lucas 13:19).
- A semente de mostarda é pequena e frágil, mas aceita espontaneamente²⁶ a força do solo que a cerca.

A quarta qualidade é a mais crucial, relevante. O *tamanho* da nossa fé não é absolutamente tão importante quanto o *foco* da nossa fé. Paulo disse: “Tudo

²⁶Usamos aqui uma figura de discurso. Aquilo que a semente de mostarda faz *naturalmente* nós devemos fazer *espontaneamente*.

posso...” (Filipenses 4:13a). Isto se parece muito com “tudo é possível ao que crê” (Marcos 9:23b). Prestemos, porém, muita atenção ao final da declaração de Paulo: “Tudo posso *naquele que me fortalece*” (grifo meu). O que nos dá força não é a nossa fé tanto quanto Aquele em quem cremos. Imaginemos que estamos descendo uma rua e chegamos a uma ponte sobre um espumoso rio. Só atravessaremos essa ponte se *acreditarmos* que ela suportará o nosso peso. Entretanto, enquanto estivermos andando por cima dela, será a nossa fé na ponte ou será a própria ponte que nos sustentará? Vejamos a idéia principal por trás disto: não devemos nos preocupar mais com o tamanho da nossa fé do que com o que ou em quem cremos.

A declaração de Jesus de que “tudo é possível ao que crê” deve ser analisada juntamente com a declaração que Ele fez em seguida: “*para Deus* tudo é possível” (Mateus 19:26; grifo meu). Não há poder sem a Fonte do poder. Paulo escreveu: “...sei em quem tenho crido e estou certo de que *ele é poderoso...*” (2 Timóteo 1:12; grifo meu). Hugo McCord traduziu assim a primeira parte desse versículo: “Eu conheço *aquele* em quem tenho confiado...”²⁷.

Um Lapso na Oração

Tenhamos todos esses dados em mente enquanto analisamos a resposta de Jesus aos apóstolos, conforme Marcos a registrou. Segundo esse escritor, quando os discípulos perguntaram por que não puderam expelir o demônio, o Senhor respondeu: “Esta casta²⁸ não pode sair senão por meio de oração²⁹” (Marcos 9:29). Se isolássemos essa declaração, teríamos a impressão de que os apóstolos não expulsaram o espírito mau porque não oraram enquanto tentavam fazer a expulsão. Revendo, porém, a narrativa, confirmaremos que o próprio *Jesus* não proferiu uma oração antes de exorcizar o demônio. Mas Ele havia passado a noite em comunhão com Deus no monte (veja Lucas 9:28) antes de ordenar que o espírito deixasse o menino.

²⁷Hugo McCord, *McCord's New Testament Translation of the Everlasting Gospel* (“Tradução do Novo Testamento do Eterno Evangelho por McCord”). Henderson, Tenn.: Freed-Hardeman University, 1988, p. 207 (grifo meu).

²⁸Alguns escritores acreditam que a expressão “esta casta” indica que alguns demônios eram mais fortes do que outros. Uma coisa é certa: o demônio que possuía o menino não saiu mansamente como outros relatados em outras passagens já estudadas.

²⁹A ERC inclui “e jejum” sem utilizar os colchetes que indicam que os termos não constam em muitos dos manuscritos mais antigos.

O mais provável é que a referência à oração indique que os apóstolos estavam negligenciado uma vida de oração em geral. Orar não é dizer “palavras mágicas” que façam acontecer coisas extraordinárias; orar é reconhecer nossa dependência do Criador do universo. Muitos escritores estão convencidos de que a razão do fracasso dos apóstolos foi transferirem a fé em Deus para sua própria capacidade de expelir demônios. John Franklin Carter sugeriu que eles estavam “demasiadamente autoconfiantes em vez de estarem conscientemente confiantes em Deus”³⁰. Assim como Sansão, eles partiram para o combate, sem saber que seu poder havia se extinguido (Juízes 16:20).

Como é fácil isto acontecer a cada um de nós! Deus nos dá dons e abençoa nossos esforços, e não demora muito para acreditarmos em *nosso* poder de raciocínio, nossa sabedoria para tomar decisões e nossa capacidade de realizar. Quando isso acontecer, o desastre espiritual não estará muito longe!

É preciso alimentar constantemente a fogueira para que ela permaneça acesa³¹. É preciso recarregar repetidas vezes a bateria para que ela continue fornecendo energia. Se quisermos ter vidas espirituais fortes, temos de renovar regularmente nosso relacionamento com o Senhor! Tiago disse: “Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros” (Tiago 4:8a). O profeta Isaías escreveu que “os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam” (Isaías 40:31).

A FONTE DA FÉ

Tendo analisado a narrativa, reservemos um momento para uma aplicação pessoal³².

Fontes de Dúvida

A primeira coisa que se destaca nesse relato é que várias pessoas envolvidas na situação tinham dificuldade para ter fé, inclusive o pai e os apóstolos. As pessoas se esforçam para ter fé hoje também. Algumas razões para essa dificuldade encontram-se no texto.

O problema do mal. Provavelmente a razão número um para as pessoas duvidarem é o fato de já terem visto coisas ruins acontecerem com pessoas

³⁰John Franklin Carter, *A Layman's Harmony of the Gospels* (“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”). Nashville: Broadman Press, 1961, p. 176.

³¹Pense numa fogueira de lenha.

³²Parte do material desta seção baseia-se no sermão de Rick Atchley, “Descendo o Vale”, pregado na igreja de Cristo Southern Hills, Abilene, Texas, no dia 11 de setembro de 1988.

boas. Neste incidente, não há indícios de que o menino fizera alguma coisa para merecer aquela terrível aflição. Não existe uma resposta rápida para explicar por que coisas ruins acontecem com pessoas boas³³, mas há dois aspectos na história dignos de nota: 1) no final, tudo se reverteu em bem e 2) Jesus usou a ocasião para glorificar Seu Pai (Lucas 9:43)³⁴.

A impotência dos discípulos. Os apóstolos falharam onde deveriam ser bem-sucedidos. As pessoas às vezes ficam desiludidas com as deficiências dos cristãos e deixam que isso influencie sua fé em Deus. Todos nós precisamos entender que nossa confiança não deve estar em homens, que inevitavelmente nos decepcionarão, mas naquele que nunca abandona os que O buscam (Salmos 9:10).

Os ataques do mundo. A fé do pai foi enfraquecida não só pelo fracasso dos discípulos, mas também pelo ataque dos escribas. Para cada púlpito que proclama a fé, Satanás tem mil maneiras de despertar dúvidas—e isto afeta negativamente as massas. Temos de aprender a tapar os ouvidos para os mensageiros do ceticismo e abri-los para os evangelistas da certeza.

A realidade do nosso ego. A repreensão de Jesus ao pai levou-o a um auto-exame, fazendo-o admitir sua falta de fé. Se formos honestos conosco mesmos, reconheceremos que não somos o que deveríamos ser. Essa realidade atrapalha alguns de nós mais do que outros fatores juntos. O desânimo pode levar ao desespero, que por sua vez produz dúvida. Convém ressaltarmos uma afirmação feita anteriormente: Jesus não respondeu ao pai segundo a pobreza de sua fé, mas segundo a riqueza de Sua graça. Apegue-nos a essa verdade quando estivermos desanimados.

Estes e outros fatores abalam a fé de muitos. Talvez até nós já tenhamos sido afetados por eles. O escritor John Westerhoff descreveu quatro estilos de fé³⁵, que podem ser descritos como níveis de fé: 1) *A fé vivenciada* é a fé dos filhos, a fé que eles experimentam com seus pais e outras pessoas. 2) *A fé*

³³Este assunto pode ser discutido demoradamente, mas isto ultrapassaria o escopo desta lição.

³⁴Se quiser, acrescente algumas idéias a isso, observando que o próximo fato cronológico foi Cristo anunciando Sua morte, sepultamento e ressurreição (Lucas 9:43, 44). A cruz nos garante que Deus nos ama, independentemente dos problemas que nos sobrevenham. A *ressurreição* nos garante que, no final, o mal será vencido!

³⁵John H. Westerhoff III, *Will Our Children Have Faith?* (“Haverá fé em nossos filhos?”). Nova York: HarperCollins Publishers, 1976, pp. 89–99. Empréstei os termos dele, mas não o seu ponto de vista. Os resumos são de minha autoria e não dele.

associativa é a fé de filhos mais velhos e de muitos adultos, a dose de fé que provém da associação com outras pessoas que têm fé. 3) *A fé desbravadora* é a fé que interroga, a fé que se esforça para ser uma fé pessoal. 4) *A fé adquirida* é a fé pessoal, a fé que se desenvolveu com sucesso além do nível três. Dizem que setenta por cento dos indivíduos nunca passam do nível dois. Também dizem que se o indivíduo não ultrapassar o nível dois, num dado momento de sua vida, algum acontecimento abalará sua fé³⁶, fazendo-o abandonar o relacionamento com o Senhor.

Independentemente de aderirmos a estas conclusões, podemos concordar com o fato de que a fé tem que crescer—e que muitos de nós ainda temos um longo caminho a percorrer. As palavras do pai do menino ainda nos assombram: “Eu creio. Ajudame na minha falta de fé”.

Fontes de Fé

Como ajudar os “incrédulos”? O que faz a nossa fé crescer? O ponto de partida é reconhecer tal necessidade como fez o pai do menino, mas qual é o próximo passo? Usando o texto bíblico que estudamos, vamos procurar por fontes de fé.

Aprendizado. Uma das razões por que Jesus expeliu o demônio foi neutralizar a incredulidade que Ele viu. Quando o garoto restabeleceu-se, as pessoas “ficaram maravilhadas ante a majestade de Deus” (Lucas 9:43a). Cristo não está andando entre nós hoje, realizando milagres, mas ainda temos o registro inspirado de Seus feitos maravilhosos. João escreveu:

Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (João 20:30, 31; grifo meu).

A resposta definitiva sobre como edificar a fé é: “estude a Palavra, especialmente a palavra sobre Jesus”. Na noite anterior à Sua morte, Cristo orou pelos apóstolos e pelos que viessem a crer nEle, “por intermédio da *sua palavra* [a palavra deles]” (João 17:20; grifo meu). Paulo escreveu: “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Romanos 10:17). A expressão “palavra de Cristo” pode significar “mensagem sobre Cristo”³⁷.

³⁶O acontecimento pode ser causado por um professor agnóstico numa escola secular ou uma tragédia pessoal (a morte de um filho, por exemplo). Personalize os exemplos à realidade dos seus ouvintes.

³⁷Essa é a tradução da New Century Version, uma versão inglesa da Bíblia.

Se você deseja que sua fé cresça, leia e estude a Palavra de Deus diariamente (veja Atos 17:11; 2 Timóteo 2:15).

Vivência. É insuficiente, porém, encher a cabeça de informações. A fé precisa ser ativa para que seja real e viva (lembre-se do grão de mostarda). Tiago ensinou que a fé é aperfeiçoada por meio das obras (Tiago 2:22). Ele escreveu que “a fé sem obras é inoperante” (Tiago 2:20) e que, “assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tiago 2:26).

Estejamos atentos para não usarmos a pouca fé como desculpa para nada fazer. Embora sejamos servos “inúteis” (Lucas 17:10), ainda precisamos servir (Mateus 20:26). Embora “não saibamos orar como convém” (Romanos 8:26), ainda precisamos orar (1 Tessalonicenses 5:17). Da mesma forma, embora nossa fé seja limitada, ela precisa entrar em ação. Os músculos aumentam com exercícios, e o mesmo acontece com a fé.

Alguém sugeriu que quando enfrentamos um desafio, devemos primeiro perguntar: “O que a fé faria nesta situação?” e depois agir. Começamos cada dia confirmando: “Hoje eu viverei como um crente!”

Evitar e confiar. Podemos apresentar outras sugestões: precisamos evitar o que destrói a fé³⁸ e cultivar o que estimula a fé. Isto inclui relacionamentos que edificam a fé (veja 1 Coríntios 15:33; 2 Timóteo 1:5) e preencher a mente com informações que edificam a fé (Filipenses 4:8). Novamente, precisamos fazer todo o possível para nos achegarmos a Deus (Tiago 4:8) e aprender a confiar nEle (Salmos 37:5)³⁹. Isto envolverá fortalecer nossa vida de oração⁴⁰ (Efésios 1:18; Judas 20) e aprender a antiga arte de meditar nas Escrituras⁴¹. Precisamos passar tempo

³⁸A fé do pai foi abalada pela falta de fé dos discípulos e dos escribas.

³⁹Os discípulos pareceram confiar em si mesmos no lugar de Deus.

⁴⁰O texto bíblico sugere a relação entre fé e oração (Mateus 17:20; Marcos 9:29).

⁴¹Pode ser necessário ressaltar que a meditação bíblica não é igual ao que geralmente se denomina “meditação” hoje em dia (pouco mais do que uma concentração recitando-se sons sem sentido).

pensando na Palavra (Salmos 1:2) e no que Deus tem feito (Salmos 143:5) por nós e pelos outros seres humanos. A lista poderia se estender⁴².

CONCLUSÃO

Esperamos que esta lição tenha desafiado você a examinar a sua fé. É de suma importância que você tenha sido desafiado a fortalecer a sua fé. Mais cedo ou mais tarde, todos nós descenderemos do topo da ordem para o vale do caos. Não espere até que a sua vida saia do controle para desenvolver uma fé pessoal forte. A hora de edificar a sua fé é *agora*. Oramos para “que a sua fé não desfaleça” (Lucas 22:32).

Você *crê* mesmo no Senhor? Então, confesse essa fé com intrepidez (Mateus 10:32; 1 Timóteo 6:12; 1 João 4:15; João 12:42). Se você ainda não foi batizado para o perdão dos seus pecados, você precisa confessar a sua fé e depois ser imerso como uma expressão dessa fé (Atos 2:36–38; Marcos 16:15, 16; Gálatas 3:26, 27). Depois disso, você poderá passar uma vida inteira no Senhor (Efésios 2:13) edificando a sua fé!

NOTAS

Pode-se falar dos escribas e sua *falta* de fé, da multidão e sua *perda* da fé e dos apóstolos e sua *limitação* de fé—contrastada com a *pouca* (mas crescente) fé elogiada por Jesus.

Um título alternativo seria “A Fé Semente de Mostarda”. Pode-se usar um pacote de sementes de mostarda como recurso visual. Também pode-se fazer cartazes com os pensamentos principais que os seus alunos devem memorizar, fixando em cada um uma semente de mostarda.

Se os ouvintes já conhecerem bem a história da cura do menino possesso, o pregador ou professor poderá revisar rapidamente o episódio, reservando mais tempo para a aplicação: o que produz dúvida e o que produz fé.

⁴²Exemplificando, confessar a fé ajuda a torná-la real. Acrescente outras sugestões que lhe vierem à mente.